ANO 22 • NÚMERO 49 • SETEMBRO / DEZEMBRO 2025
• ORGANICOM

Comunicação, diversidade e inclusão nas organizações: disputas, práticas e perspectivas críticas

A diversidade e a inclusão social consolidaram-se, nas últimas décadas, como temas centrais no debate organizacional, acompanhando transformações sociais, políticas e culturais que tensionam modos tradicionais de gestão, representação e participação. Ainda assim, a incorporação desses princípios às rotinas institucionais permanece instável e frequentemente atravessada por disputas simbólicas, resistências internas e retrocessos no campo dos direitos.

Em diferentes contextos nacionais, observa-se a oscilação entre avanços normativos e movimentos de reação conservadora que procuram deslegitimar políticas de equidade ou reduzir a diversidade a recurso retórico. Episódios recentes, como a ofensiva conduzida por Donald Trump, em seu segundo mandato nos Estados Unidos, contra programas de diversidade, equidade e inclusão, tornam visível essa vulnerabilidade, mas não a inauguram. Eles apenas explicitam a fragilidade de compromissos organizacionais que dependem de conjunturas políticas e não se sustentam como valores estruturantes das culturas institucionais. Nesse cenário, algumas organizações abandonam agendas inclusivas; outras silenciam ou reconfiguram suas práticas, deslocando-as para espaços menos visíveis.

É justamente nesse terreno de disputas que a Comunicação Organizacional e as Relações Públicas Comunitárias se afirmam como campos estratégicos de análise e intervenção. Ao produzir sentidos, enquadramentos e práticas institucionais, a comunicação participa tanto da reprodução quanto do tensionamento de desigualdades, constituindo-se como espaço privilegiado de negociação, conflito e transformação social.

Esta edição da Organicom reúne contribuições que exploram essas questões a partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas.

O número conta ainda com a entrevista "Para além do consenso: entrevista com E. Ciszek sobre dissensus, interseccionalidade e o futuro crítico das Relações Públicas", na qual E. Ciszek, professor associado do Moody College of Communication da Universidade do Texas, Austin, pessoa não-binária e referência internacional nos estudos críticos sobre comunicação, ativismo e justiça social, discute as interseções entre relações públicas e práticas de contestação social. A partir de conceitos como dissenso, interseccionalidade e teoria queer, a entrevista problematiza abordagens normativas da diversidade e oferece um enquadramento teórico que ilumina as reflexões desenvolvidas ao longo do dossiê.

Na sequência, os textos propõem diferentes leituras críticas sobre comunicação organizacional, poder e diversidade. Rudimar Baldissera, Bruno Garcia Vinhola, Diego Wander Montagner, Sérgio Gabriel Fajardo e Renata Karoline Keh, em "Comunicação Organizacional e diversidades: estratégias discursivas cínico-degenerativas", oferecem um enquadramento conceitual para o dossiê ao analisar práticas discursivas que esvaziam o potencial transformador da diversidade e a convertem em recurso estratégico de legitimação. Em diálogo com essa perspectiva, Marcelo de Barros Tavares, em "Cenas de dissenso da diversidade: reflexões à luz da função política de relações públicas", enfatiza a dimensão política, conflitiva e contestatória das relações públicas, enquanto Dayana Karla Melo da Silva e Carlos Eduardo Souza Aguiar, em "A 'comodificação da outridade' nas organizações: diversidade como fetiche no capitalismo canibal", aprofundam a crítica à apropriação mercadológica da diferença e seus efeitos simbólicos.

A temática da deficiência e da acessibilidade comparece de forma expressiva no dossiê. Guilherme Ferreira de Oliveira e Suely Maciel, em "Acessibilidade na comunicação nas organizações: perspectivas de trabalhadores com deficiência visual", analisam experiências concretas de inclusão no cotidiano laboral. Marcelo Damasceno e Amanda Ganzarolli, em "Acessibilidade digital para pessoas com TEA no portal da ALESP: desafios da comunicação pública digital", discutem barreiras e possibilidades na esfera pública digital. Tiago Mainieri e Daniela Veronezi, em "A inclusão dos surdos nas organizações: desafios e contribuições da comunicação organizacional", examinam processos comunicacionais voltados a pessoas surdas, enquanto Evelyn Carvalho Teixeira e Maria Aparecida Ferrari, em "Estruturas de diversidade e estratégias comunicacionais sobre a deficiência em empresas brasileiras", investigam políticas institucionais e seus limites práticos.

As relações entre gênero, sexualidade e mercado de trabalho são abordadas em diferentes perspectivas. Leonardo Mozdzenski e Francisco Montenegro, em "Comunicação, diversidade e inclusão LGBTQIAPN+: estudo de caso em uma empresa recifense de tecnologia", analisam práticas organizacionais de inclusão sexual e de gênero. Danyelle Alves da Paixão e Soraya Maria Bernardino Barreto Januário, em "Feminismos, comunicação e mercado de trabalho: análise discursiva da consultoria de comunicação Think Eva", discutem disputas simbólicas no campo profissional. Denise Pagnussatt, em "Liderança feminina como estratégia discursiva para construção reputacional", examina a construção discursiva da liderança de mulheres, e Beatriz Molari, em "As exclusões no mercado de trabalho da publicidade no Brasil", problematiza desigualdades estruturais no setor. Carlise Porto Schneider Rudnicki e Phillipp Dias Gripp, em "Recusas à diversidade na comunicação organizacional: dispositivos da loucura e sexualidade na alfabetização midiática", investigam mecanismos simbólicos e institucionais de normatização que operam processos de exclusão e silenciam experiências dissidentes no âmbito organizacional.

Encerrando o conjunto de artigos, estudos de caso organizacionais exploram as tensões entre cultura, reputação e valores sociais. Tarcisio Torres Silva, em "Diversidade e felicidade na comunicação organizacional da Heineken no Brasil", discute relações entre reconhecimento, bem-estar e cultura corporativa. Já Fatine Conceição Oliveira, Joana Ziller de Araujo Josephson, Steyce Dayane Lopes e Mohara Magalhães Bhering Villaça, em "Dia dos Namorados da Natura: reflexões sobre o impacto do conservadorismo nas campanhas publicitárias", analisam as disputas simbólicas que atravessam a comunicação mercadológica em contextos de conservadorismo crescente.

Esta edição registra, com profundo respeito, a contribuição de Fatine C. Oliveira (in memoriam), cuja trajetória acadêmica e atuação no ativismo das pessoas com deficiência marcaram o debate público brasileiro. Seu falecimento recente confere densidade adicional às reflexões aqui reunidas e reforça o compromisso ético do dossiê com a produção de conhecimento socialmente implicado.

O número é composto ainda por duas resenhas, "Do insulto à resistência: O poder performativo da palavra em Judith Butler", por Eduardo Bianchi, e "A violência invisível em contextos organizacionais", por Marlon Santos Dias; e pelo texto de Lidiane Santos de Lima Pinheiro e Lucas de Sant'Anna Fernandes Lucas, "Marginalizados, mas 'essenciais': os garis no discurso da Limpurb", no Espaço Aberto, ampliando o diálogo da revista com temas contemporâneos.

Ao reunir perspectivas críticas, análises empíricas e experiências diversas, esta edição reafirma o compromisso da Organicom com a produção de conhecimento atento às desigualdades, às disputas de sentido e às possibilidades de transformação social nas organizações. Desejamos uma ótima leitura.

Patricia Carla Gonçalves Salvatori
Professora da Universidade São Judas

Tiago Mainieri
Professor da Universidade Federal de Goiás